

26.12.2004



Dois mil e quatro foi um ano de bons resultados para as exportações agrícolas, mas também teve notícias desagradáveis, como a queda dos preços da soja e do milho. O repórter Ivaci Matias faz um balanço do ano.

Dólares, muitos dólares. Nunca o Brasil exportou tanto como em 2004. Os dólares das exportações irrigaram a economia, geraram empregos e realimentaram o mercado interno e você, agricultor, sabe o quanto contribuiu para esse desempenho?

Foi o crescimento do agronegócio que sustentou a balança comercial brasileira no ano de 2004. Veja os números: o total das exportações brasileiras, de janeiro a novembro, atingiu o recorde de 87 bilhões de dólares.

Os produtos agropecuários entraram com 36 bilhões. As importações somaram 57 bilhões e só 4,5 bilhões foram importados pela agropecuária. No total, esses números permitiram que a balança comercial tivesse um saldo, um lucro, de 30 bilhões, mas veja só o que aconteceria sem o agronegócio nessa conta: o saldo ia desaparecer e o Brasil teria um saldo negativo de 1,5 bilhão de dólares no acumulado de janeiro a novembro. É o que comenta o presidente da Confederação de Agricultura e Pecuária, Antonio Ernesto de Salvo.

"Um país que importa peças de avião e exporta o avião pronto está gerando um superávit na balança, mas é de 10% do custo do produto. O agricultor não. Ele produz 50, mas importa só 5%", diz ele.

Entre os setores que apresentaram forte crescimento, está o da carne bovina. Pelo segundo ano seguido, o Brasil liderou o comércio mundial. Foram 2,25 bilhões de dólares, 66% a mais do que no ano passado, mas, para o criador, foi um ano de trabalho duro.

Apesar do aumento das exportações, do lado de dentro da cerca da fazenda aumentaram muito os custos e, atravessando a porteira, o preço do boi não ajudou em 2004. O pecuarista teve que viver com esse desafio.

"A pecuária teve que viver com esse desafio bem difícil com custo elevando como por exemplo o combustível, que subiu mais de 20%, sal mineral, produtos veterinários, então, para o pecuarista, a margem de lucro está muito pequena, muito apertada. Se a gente não tivesse exportado tanto, o mercado interno não absorveria o que o Brasil está produzindo e os preços não se sustentariam", diz Paulo Martins, pecuarista.

O seu Paulo toca a fazenda dois irmãos junto com o filho, Danilo. A propriedade, que

fica no município de Bataguassu, Mato Grosso do Sul, tem 1,7 mil hectares e trabalha com o ciclo completo: cria, cria e engorda.

Para reduzir os custos, a fazenda implantou um controle rigoroso dos gastos, além disso, investiu na melhoria genética e na saúde do rebanho.

"A nossa meta com o melhoramento do gado é aumentar a produtividade da fazenda para o animal alojado, ou seja, é ter vacas altamente férteis", diz Danilo.

A exportação de carne bovina cresceu, mesmo enfrentando problemas sanitários: dois focos de aftosa, um no Pará e outro no estado do Amazonas.

O porco também vendeu mais para o exterior. Perdemos o mercado da Rússia, mas conquistamos novos compradores no leste europeu e o preço melhorou.

"O Brasil está exportando mais cortes, saindo da carcaça que tem um valor mais baixo", diz Pedro Camargo Neto, presidente da Abipecs.

O frango também foi destaque. Exportamos mais de 2 bilhões de dólares. "Vamos acabar o ano com equilíbrio com aumento das exportações de 25% em relação a 2003 e com recuperação do consumo e dos preços a nível interno", diz Érico Pozzer, presidente da APA.

Café. Para os produtores, o ano começou com preço baixo e melhorou agora no final. "Nós estamos otimistas para o ano que vem. Deve ser uma safra de ciclo baixo, será uma safra inferior a de 2004 o que significa que nós teremos bons preços durante o ano que vem", diz Manoel Bertone, superintendente da CNC.

Além dos produtos tradicionais, o Brasil este ano diversificou muito as exportações. A lista dos pequenos negócios inclui produtos que você nem imagina.

São Paulo, por exemplo, vendeu mudas de orquídeas e cogumelos do sol. Do Rio Grande do Sul, saiu uma frutinha chamada mirtilo. Do Paraná, açúcar mascavo, e de Santa Catarina, maçãs.

O Espírito Santo contribuiu com mamão papaya, Goiás seguiu firme com a exportação de rãs, **Mato Grosso com pele de jacaré**, Minas exportou abóboras e própolis verde. A região nordeste entrou com óleo de babaçu do Maranhão, castanha de caju do Ceará, mel do Piauí, flores tropicais de Pernambuco, inhame da Paraíba e manga da Bahia.

Na região amazônica, o Acre abriu mercados para o bom-bom de cupuaçu, o Amazonas para os óleos medicinais e o Pará exportou castanha e pimenta. Enfim, os pequenos negócios da agricultura ajudaram a compor o belo resultado da balança comercial brasileira